

ESCRITORAS FEMININAS: AGENTES DE/EM FRONTEIRAS?

Maria Madalena Magnabosco*

O presente texto irá tecer uma análise comparativa entre *La Malinche*, figura representativa da mitologia e literatura mexicana e *Carolina Maria de Jesus*, enquanto a representação de uma literatura de resistência no Brasil dos anos 60-70. Ambas situam-se como agentes mediadores de culturas em trânsito, tanto nos aspectos literários quanto de gênero. É pelo viés da interação e tradução de duas línguas, dois mundos, duas culturas de classe, raça e gênero que este texto construirá sua reflexão.

Para melhor fundamentar esta análise comparativa recorrei a um breve resumo da história de *La Malinche*.

Historicamente, *La Malinche* foi uma nobre nahuatl, vendida por seus pais como escrava, para aumentar a fortuna da família. Quanto tinha 14 anos foi oferecida, juntamente com outras 20 mulheres, ao conquistador espanhol Hernán Cortés, quando este chegou ao México. Malinche sabia falar as línguas maya e nahuatl, e comunicava-se em maya com Geronimo de Aguilar, um espanhol que havia sido vítima de um naufrágio na costa da península de Yucatán. Por dominar diversos idiomas, Malinche desempenhava um papel estratégico de tradutora. Teve um filho com Cortés, mas, quando este recebeu ordens para trazer sua esposa espanhola para o Novo Mundo, casaram Malinche com um de seus soldados, Don Juan de Jaramillo. Seu filho com Cortés foi mandado para a Espanha para estudar, e Malinche morreu jovem e na obscuridade.

A figura de *La Malinche* é um símbolo cultural forte na literatura das mulheres mexicanas sendo constantemente re-visitado e re-avaliado pelas escritoras que a vêem não como “o protótipo da subordinação da raça indígena ao europeu, mas como deflagradora do processo de

* Psicóloga Clínica, Mestre em Teoria da Literatura e Doutoranda em Literatura Comparada pela FALE – UFMG.

mestiçagem, visto de forma positiva, da perspectiva de uma nova raça, e não como negação (ou conotação negativa) das raízes indígenas.”¹

Atada a duas culturas, a dois sistemas diversos de significações, *La Malinche* transita entre diferentes línguas e tem o papel de tradutora entre duas culturas. Existem diversas leituras essencialistas, próprias das comunidades fechadas, que vêem *La Malinche* como traidora, pelo fato de ter deliberadamente escolhido de traduzir mundos para sobreviver.

Atualmente, com o fluxo aumentado dos intercâmbios lingüísticos nas fronteiras geográficas e simbólicas, a figura de *La Malinche* tem sido re-pensada pelas escritoras *chicanas*, ou seja, aquelas que também transitam entre mundos e com eles tentam estabelecer um “diálogo histórico não-resolvido, entre continuidade e ruptura, essência e posicionalidade, homogeneidade e diferenças.”²

No contexto literário transcorrido no processo de modernização brasileira, entre os anos 50 a 70, *Carolina Maria de Jesus* surge também como uma figura mediadora nessa zona de contato entre a cultura da elite intelectual paulistana em pleno desenvolvimento e a cultura de massa da favela do Canindé.

Enquanto *La Malinche* era índia e sabia falar diversos idiomas, o que a diferenciava de seu grupo étnico, cultural e de gênero, Carolina era ne gra, semi-alfabetizada, escreveu e publicou diversos livros, o que também a diferenciava de seus contemporâneos de favela, raça e gênero. Por falar, reivindicar direitos, denunciar violências na favela, e principalmente por saber escrever, *Carolina* representava o corpo interposto entre a classe intelectual da modernização e o povo da favela. Por seus escritos, tanto em forma de diário, como romances, poesias e música, ela resistia e denunciava a opressão da voz comunitária. Denúncia das rupturas e descontinuidades, tanto

¹ TORRES, Sonia. *Nosotros in USA*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, P.68.

² CLIFFORD, James. *Traveling cultures*. IN: *Cultural Studies*. A Reader. Nova York, 1992, p.108.

físicas quanto simbólicas, ocasionadas pela modernização da cidade e Estado-Nação brasileiras e suas conseqüentes miserabilidades estruturais e relacionais daí advindas para os favelados.

Interpostas entre mundos, *Carolina* e *La Malinche* traduziram não apenas significados lingüísticos de culturas diversas, mas também as expressões comportamentais do que é viver em radical heterogeneidade de gênero e raça, ou seja, do ser mulher índia e negra entre esses dois mundos. Assim, ao mesmo tempo em que pela tradução oral e pela tradução escrita elas lutavam para serem consideradas e estimadas pelas elites de raça e intelectuais, elas também exerciam esta mesma luta para serem reconhecidas como semelhantes e pertencentes às suas origens. Em outras palavras, lutavam para não serem vistas como traidoras de suas origens.

O que em *Carolina* foi traduzido como traição - tanto pelos intelectuais modernos como pelos companheiros de favela - através de expressões como “busca de sucesso, a arrogância, o orgulho, a intransigência”, era o fato de não pertencer nunca por inteiro a nenhuma das partes desta contenda intelectual e de gênero. Ela não se identificava com a favelada por residir na favela e catar papéis para sobreviver, e também não pertencia à classe dominante por escrever, publicar e autografar livros, por comparecer a programas de televisão, rádio e conceder entrevistas a jornais de alta reputação.

Tal como *La Malinche*, que pelas re-leituras atuais não é vista como vítima passiva da conquista cultural, mas como uma mulher que foi levada a fazer escolhas para sobreviver, *Carolina* também foi levada a escolher algumas estratégias de sobrevivência diante do quadro de modernização que a interpelava, bem como a milhares de pessoas no contexto brasileiro. Sua estratégia, que desacomodou concepções essencialistas tanto de classe, raça, como de gênero, foi a utilização da palavra oral escrita como forma de defesa-denúncia e criação de outras performances narrativas, culturais e nacionais.

Em contextos onde o poder político, econômico e sócio-cultural dominante não exerce a democracia, mas antes, define problemas e necessidades gerais para grupos particulares, diferenciados e específicos em suas organizações de mundo, torna-se necessário a apropriação da palavra como instrumento e exercício de um outro poder: a enunciação sob outros posicionamentos que não somente as definições espaciais e territoriais. Afinal, “para quem não possui um lugar “seguro” que possa ser chamado “lar”, tem que existir a luta por um lugar de fala”.³

A fala testemunhal feminina vem então se constituindo como uma grande mediadora entre mundos em trânsito. Uma ponte estruturada por pilares de outras palavras e escrituras, um lugar de passagem ou de travessia onde, por maior que seja a tensão implicada neste espaço-tempo fronteiro, é nele e através dele que as certezas conceituais, tanto literárias quanto de gênero, classe e raça, têm sido desacomodadas, desestabilizadas de suas posições de poder/conhecimento por estas outras falas.

Carolina, uma espécie de *Malinche* moderna transitou entre diferentes culturas de classe, de intelectualidade, sócio-econômicas e de gênero. Apesar de todos os conflitos vivenciados neste espaço potencial e contraditório que a levaram, quando não recepcionada a partir de suas organizações de mundo, a explosões de humores que a desqualificavam como sendo uma mulher nervosa, de baixo escalão (leia-se, uma favelada), ela funcionou como tradutora entre duas culturas: a literária baseada nos valores estéticos europeus e a da oralidade baseada nas experiências diárias de carência, falta e desprovido simbólico e sócio-econômico de uma favela.

Ao transitar entre meios tão diversos *Carolina* mesclou em sua escritura e em seu corpo gêneros literários e papéis dos gêneros feminino-masculino. Da escritura oral para o lírico, o

³ TORRES, Sonia. *Nosotros in USA*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p.58

épico, o dramático e dos papéis considerados pela cultura como específicos do feminino (obediência, mudez, incondicionalidade de sentimentos, bondade) para os papéis designados como próprios do masculino (luta econômica e psicológica para sobreviver, agressividade, competição, exigência de respeito a seus direitos e cidadania, discursos sobre aspectos que a incomodava e que não concordava).

Pelas passagens constantes nesses espaços antes tão bem delimitados *Carolina* traduziu os hibridismos próprios de todo processo de deslocamento dos sujeitos nos movimentos de modernizações. Por serem passagens, e assim não possuírem os mapas delineados das cidades e seus locais seguros, *Carolina* não tinha como não se exceder. Excessos de sensibilidades, de amarguras, decepções, sonhos, expectativas, comportamentos, escrituras e palavras. Excessos próprios das passagens e travessias, já que por serem entre-meios, mediadores, não possuem a capacidade de gerarem sínteses. Isto pelo simples motivo de que para se realizar uma síntese há que se aparar os excessos, há que se selecionar os valores que permanecerão e contornarão atitudes, projetos e escrituras. Nas mediações, tanto físicas quanto simbólico-escriturais, o sujeito ainda se defronta com os excessos de objetos, signos, contornos e desenhos, não podendo ainda se posicionar por uma enunciação clara e precisa de lugar. São as multiplicidades de identidades, de posições de enunciações, as descontinuidades dos papéis de gênero, literário, classe e raça, enfim, os múltiplos eus dos sujeitos do feminino.

Pelos excessos das passagens *Carolina* não apenas traduziu escrituras de mundos diversos, mas também aprendeu a refletir sobre como se articulam as relações assimétricas de poder entre o local (a favela, o quarto de despejo) e o metropolitano (a cidade, a sala de visitas).

São estas mediações do poder/conhecimento que *Carolina*, tal como *La Malinche*, traduziram tanto com seus comportamentos quanto ao gênero-classe-raça, como com suas escrituras. Por estas mediações elas conseguiram encenar pela palavra o que vem a ser um espaço

de produção de valores nas culturas híbridas, as quais devem estar sempre atentas tanto às diferenças quanto às organizações de mundo que interagem e traduzem constantemente outras escrituras.

Referência bibliográfica:

- CLIFFORD, James. *Traveling cultures* IN: **Cultural Studies**. A Reader. Nova York, 1992, p.108.
- JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo. Diário de uma favelada**. 5^a.ed. São Paulo: Ed. Ática, 1995.
- TORRES, Sonia. **Nosotros in USA**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 58 e 68.